

## A Condição Humana: uma Jornada Poética e Prosaica

ALMEIDA, Cleide Rita Silvério de  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação  
da Universidade Nove de Julho

*you have hunger for what?  
people don't want just food,  
people want food, diversion and art.*  
(Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto)

A dimensão simbólica é inerente à condição humana, pois não vivemos só o lado racional e prático, mas também o mítico e mágico, e neste sentido o estado estético é fundamental para expressar a densidade e a força dos símbolos. Edgar Morin desenvolve a idéia de que a estética está presente em vários gestos e ações cotidianas que provocam encantamento, não se restringindo às obras de arte. Assim, os símbolos, o lado poético e o sentir estético podem ser vivenciados por vários caminhos. Este artigo apresenta um caminho de reflexão sobre a condição humana, a partir do poema *Ítaca*, do poeta grego Konstantinos Kaváfis, nascido em Alexandria a 29 de abril de 1863 e que morreu no dia de seu aniversário de 70 anos.

Os leitores estão convidados a partirem rumo a Ítaca e viverem as aventuras que este caminho suscita. Desejo a todos uma boa viagem.

Se partires um dia rumo a Ítaca,  
faz votos de que o caminho seja longo,  
repleto de aventuras, repleto de saber.  
Nem Lestrigões nem os Ciclopes  
nem o colérico Posídon te intimidem;  
eles no teu caminho jamais encontrarás  
se altivo for teu pensamento, se sutil  
emoção teu corpo e teu espírito tocar.  
Nem Lestrigões nem os Ciclopes,  
nem o bravo Posídon hás de ver,  
se tu mesmo não os levars dentro da alma,  
se tua alma não os puser diante de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.  
Numerosas serão as manhãs de verão  
nas quais, com que prazer, com que alegria,  
tu hás de entrar pela primeira vez porto  
para correr as lojas dos fenícios  
e belas mercancias adquirir:  
madrepérolas, corais, âmbar, ébanos,  
e perfumes sensuais de toda espécie,  
quanto houver de aromas deleitosos.  
A muitas cidades do Egito peregrina  
para aprender, para aprender dos doutos.

Tem todo o tempo Ítaca na mente.  
Estás predestinado a ali chegar  
Mas não apresses a viagem nunca.  
Melhor muitos anos levars de jornada  
e fundares na ilha velho enfim,  
rico de quanto ganhaste no caminho,  
sem esperar riquezas que Ítaca te desse.  
Uma bela viagem deu-te Ítaca.  
Sem ela não te ponhas a caminho.  
Mais do que isso não lhe cumpre dar-te.

Ítaca não te iludiu, se a achas pobre.  
Tu te tornaste sábio, um homem de experiência,  
E agora sabes o que significam Ítacas (Kaváfis, 2006, p.  
146-147)

Numa primeira leitura aproximativa do poema, percebemos que o autor dirige-se ao leitor para falar de uma viagem simbólica. Esta viagem pode ser interpretada como passagem de um estado a outro. Parte-se de um dado estado de espírito e vivência existencial em que os desafios, aventuras e aprendizagens múltiplas ocorrem ao longo desta estrada para se chegar a um outro nível de vivência profunda e de significados redimensionados. É a questão do sentido da vida. A vida que se questiona, procurando ultrapassar, transcender as aparências imediatas e buscar a dimensão marcante do humano. O diálogo entre Campbell e Moyers enriquece nossa reflexão.

“MOYERS: Através da leitura de seus livros – *The Masks of God* (As máscaras de Deus) e *O herói de mil faces* – vim a compreender que aquilo que os seres humanos têm em comum se revela nos mitos. Mitos são histórias de nossa busca de verdade, de sentido, de significado, através dos tempos. Todos nós precisamos contar nossa história, compreender nossa história. Todos nós precisamos compreender a morte e enfrentar a morte e todos nós precisamos de ajuda em nossa passagem do nascimento à vida e depois à morte. Precisamos que a vida tenha significação, precisamos tocar o eterno, compreender o misterioso, descobrir o que somos.

CAMPBELL: Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos. É disso que se trata, afinal, e é o que estas pistas nos ajudam a procurar, dentro de nós mesmos.” (Campbell, 1991, p.5)

O poema, ao começar no condicional: “Se partires um dia rumo a Ítaca”, sugere uma possibilidade e, portanto, não significa que todos os seres humanos se colocarão nesta direção. Mas esta direção se apresentará como condição de possibilidade para os que batalharem por respostas menos limitadas. Esta batalha, ou luta ou viagem para o interior do ser humano, para uma vida evolutiva, pressupõe vencer nossos próprios anseios, perguntas e angústias.

Nem Lestrigões nem os Ciclopes  
nem o bravo Posídon hás de ver,  
se tu mesmo não os levares dentro da alma,  
se tua alma não os puser diante de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.

Ao desejar “que o caminho seja longo” e sem pressa, o poema sugere uma sondagem profunda no interior de nosso universo. Essa busca traz no poema, como forma de expressão, imagens míticas de uma grande viagem, como a viagem de Ulisses, com todas as aventuras e desafios que ela comporta. Uma viagem heróica. O herói de Kaváfis, no entanto, não é o herói que se destaca pela força física. Sua coragem consiste em construir um processo em que se torne um sábio. O herói viaja para aprender e apreender a coragem espiritual constitutiva da vida humana elevada, que atinge níveis superiores. Provações e recompensas surgem no seu caminho que não pode ser usual, pois os acontecimentos rotineiros e convencionais não configuraram uma jornada de transformações. Um caminho de provas traz revelações que modificam a consciência. Existe a necessidade de vários desafios durante o caminho para que o processo e o projeto se desenvolvam. Um constante devir contra o imobilismo e a cristalização. O plano simbólico do poema oculta uma significação densa da busca do ser humano em direção ao ideal heróico da sabedoria. E esta será a riqueza conquistada no caminho. Desde o início, o poema fala dessa predisposição transcendente para atingir uma sabedoria provinda das forças vitais interiores. Para que a experiência não seja desconcertante, “Tem todo o tempo Ítaca na mente”, pois isto acena a um destino supremo e desconhecido.

O ser humano comum que trabalha na fábrica ou no escritório, vai ao estádio e assiste à TV, desenvolve um nível normal de experiências. O herói proposto pelo poema, ao empreender sua viagem, abandona uma determinada condição para atingir outra condição mais rica.

“Melhor muitos anos levares de jornada  
e fundeares na Ilha velho enfim,  
rico de quanto ganhastes o caminho”

Como nos coloca Diel:

O homem pode e deve, através do funcionamento sadio da psique, dominar a si mesmo e ao mundo. É a lei fundamental da vida. Assim, os combatentes heróicos dos mitos concretizam as aventuras essenciais de cada vida humana (...) O sentido real da vida resume-se na evolução. O funcionamento psíquico, tema dos mitos, é uma constelação evolutiva que resulta da evolução passada e aspira à evolução futura. Assim, o tema fundamental dos mitos é a evolução não somente do homem – indivíduo, mas de toda a espécie humana. (Diel, 1991, p.20)

## Os desafios

*O homem não deve submeter-se aos poderes  
de fora, mas subjugar-los (Joseph Campbell)*

No poema, os desafios são representados pelos Lestrigões, os Ciclopes e Posídon de um lado, e por outro, pela própria peregrinação de Odysseús, Ulisses que vagou longamente e sofreu vários reveses antes de rever Ítaca e Penélope.

Recorrendo à pesquisa bibliográfica, foi possível destacar alguns elementos simbólicos importantes. O poema faz referência a algumas partes do mito de Ulisses. Retomarei estas passagens a partir do relato de Grimal.

Depois os navios chegaram ao país dos Ciclopes, que é sempre identificado com a Sicília. Acompanhado por doze homens, Ulisses desembarcou e penetrou numa caverna. Teve o cuidado de levar consigo uma jarra de vinho de Marão. Na caverna, havia potes cheios de leite e queijos; mas, quando o seu proprietário voltou, acompanhado por um rebanho de carneiros, os gregos se viram na presença de um gigante que tinha apenas um olho, redondo, no meio da testa. Esse Ciclope, chamado Polifemo, começou por fechar a saída da gruta e sentiu-se obrigado a devorar os estrangeiros. Ulisses ofereceu-lhe vinho. Polifemo, que jamais o provaria, achou-o delicioso e bebeu em excesso, adormecendo pesadamente sobre peles de animais. Então, Ulisses fez a ponta numa estaca, endureceu-a no fogo e cravou-a no único olho do ciclope. Pela manhã, quando a caverna se abriu, fugiu com seus companheiros, escondendo-se no ventre dos carneiros. (Grimal, s/d, 84-85)

Segundo Brandão:

A descida a uma caverna, gruta ou labirinto simboliza a morte ritual, do tipo iniciático. Nesse e em outros ritos da mesma espécie, passava-se por uma série de experiências que levavam o indivíduo aos começos do mundo e às origens do ser, donde o saber iniciático é o saber das origens. (Brandão, 1986, p. 54) (...) a caverna, (...) figura os mitos de origem, de renascimento e iniciação como um real regressus ad uterum, um simbólico morrer para se renascer outro (...). (Brandão, 1986, p. 336)

O fato do Ciclope Polifemo ter apenas um olho pode ser relacionado com a explicação que Brandão apresenta ao estabelecer a distinção entre a mutilação ritual e a de ordem social.

“O sentido ritual da mutilação é bem outro. Para se penetrar nesse símbolo é bom lembrar que a ordem da “cidade” é par: o homem se põe de pé, apoiando-se em suas duas pernas, trabalha com seus dois braços, olha a realidade com seus dois olhos. Ao contrário da ordem humana ou diurna, que é par, a ordem oculta noturna, transcendental a UM, é ímpar. O disforme e o mutilado têm em comum o fato de estarem à margem da sociedade humana ou diurna, uma vez que neles a paridade foi prejudicada”. (Brandão, 1986, p. 337).

Vale ressaltar que, da forma como são apresentados no poema, estes monstros desafiadores são imaginários. Assim sendo, não estariam os Lestrigões, os Ciclopes e Posídon representando uma chave para a compreensão da maturidade psicológica?

Através das diversas leituras é possível constatar que a história dos heróis possui uma estrutura comum: enfrentar monstros e forças do mal. O aparecimento de

figuras poderosas é que lhes permitem realizar suas tarefas. Segundo Henderson no livro *O homem e seus símbolos*:

Estas personagens divinas são, na verdade, representações simbólicas da psique total, entidade maior e mais ampla que supre o ego da força que lhe falta. Sua função específica lembra que é atribuição essencial do mito heróico desenvolver no indivíduo a consciência do ego – o conhecimento de suas próprias forças e fraquezas – de maneira a deixá-lo preparado para as difíceis tarefas que a vida lhe há de impor (...) Mas é importante reconhecermos que em cada fase deste ciclo a história do herói toma formas particulares, que aplicam a determinado ponto alcançado pelo indivíduo no desenvolvimento da sua consciência do ego e também aos problemas específicos com que se defronta a um dado momento. Isto é, a imagem do herói evolui de maneira a refletir cada estágio de evolução da personalidade humana. (Henderson, s/d, p.112)

Outro ponto que merece destaque é que Ulisses, ao entrar na caverna, estava acompanhado de doze homens que, com ele, somavam treze. Para Campbell:

O treze é o número da transformação e do renascimento. Na Última Ceia, havia doze apóstolos e um Cristo, que iria morrer para renascer. Treze é o número necessário, no campo limitado de doze, para atingir o transcendente. Você tem os doze signos do zodíaco e o sol. Esses homens eram muito conscientes do treze como número da ressurreição e do renascimento, da nova vida, e o manipularam o tempo todo. (Campbell, 1991, p. 27)

Ainda sobre o treze, Brandão acrescenta que:

Na Antiguidade, realmente o número treze possuía uma conotação maléfica, perigosa, simbolizando “o curso cíclico da atividade humana ... a passagem a um outro estado, quer dizer, a Morte”. Para o lúcido Mircea Eliade, a Morte é, muitas vezes, o resultado trágico de nossa indiferença diante da imortalidade. (Brandão, 1986, p. 227)

Temos então que Ulisses, ao entrar na caverna com doze homens e vencer o monstro mutilado, simbolicamente consegue prosseguir na evolução da sua consciência e personalidade humana. Consegue cumprir mais uma etapa da sua direção moral não se deixando estagnar pela ameaça exterior.

O Ciclope Polifemo era filho de Posídon, o deus das águas, mas das águas subterrâneas. Ulisses briga dentro da Caverna com o filho do deus das águas profundas. Além do próprio Ciclope, ele domina também o seu pai que representa metaforicamente o inconsciente. E foge escondido no ventre dos carneiros. O herói desce ao lugar escuro, enfrenta forças subterrâneas e volta transformado. Depara-se com a possibilidade da morte, mas ressurge modificado. Sua personalidade trava uma luta com as energias inconscientes, passa por provações e aprende a lidar com essas forças, ressuscitando dos conflitos. Se no primeiro estágio simbólico a caverna representa o regresso ao útero, depois da harmonização dos conflitos, ele sai da caverna atado, pelo lado de fora, ao ventre dos carneiros. Ele entra de forma e sai de

outra. Depois de ter experimentado as forças intrínsecas e as dominado, ele sai extrinsecamente, no ventre do carneiro que significa “a pureza elevada a seu mais alto grau, a bondade, o amor objetivado que se estende sobre todos os homens”. (Diel, 1991, p. 165).

“Ulisses retomou os caminhos do mar. Desembarcou na terra dos Lestrigões, um povo de antropófagos, (...) e foi com grande esforço que se livrou deles”. (Grimal, s/d, p. 85). Numa tentativa de aproximação do sentido da antropofagia dos Lestrigões vou recorrer a um outro exemplo, citado por Campbell.

“Outra possibilidade é o herói, ao defrontar-se com o poder das trevas, vencê-lo e matá-lo, como Siegfried e São Jorge fizeram quando enfrentaram o dragão. Mas, como Siegfried aprendeu, é preciso provar o sangue do dragão para incorporar alguma coisa do seu poder”. (Campbell, 1991, p. 155)

Se Ulisses fosse vencido pelos Lestrigões, estes devorariam sua vida evolutiva. Devorar para incorporar. Mas, mais uma vez, Ulisses vence. O seu centro parece já estar conhecido e preservado. Numa canção, Pablo Milanez diz: “o que brilha com luz própria nada pode apagar”, e pelas indicações do mito, a luz atingida por Ulisses foi conquistada através da sua jornada interior. Os Lestrigões não puderam devorar Ulisses, pois isto significaria que ele terminaria aos pedaços. Ulisses navegou muito e foi à terra várias vezes enfrentar os inimigos da sua direção moral.

Através do Ulisses de Kaváfis, podemos perceber a importância de nos confrontarmos com a nossa própria profundidade. Esta viagem simbólica expressa a composição da nossa personalidade íntima e sua dinâmica evolutiva ou involutiva, dependendo da nossa forma de atuação no combate psicológico. Enfrentar símbolos fortes pode levar-nos aos grandes riscos da desestruturação ou à estruturação moral e elevada. Este poema é iniciático na medida em que quem o lê se torna também um personagem à procura do lugar que todos desejam encontrar e pelo qual a humanidade formulou várias utopias. E o lugar a ser encontrado está dentro de nós.

## **Bibliografia**

- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. 2ª Ed., Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1986
- CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena, 1991.
- DIEL, Paul. *O Simbolismo na Mitologia Grega*. São Paulo: Attar, 1991.
- GRIMAL, Pierre. *A Mitologia Grega*, 5ª Ed. São Paulo: Brasiliense, s/d.
- GUIMARÃES, Ruth. *Dicionário da Mitologia Grega*. São Paulo, Cultrix, s/d.
- HANDERSON, Joseph L. *Os mitos antigos e o homem moderno* in Jung, Carl G. (org.) *O homem e seus Símbolos*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.
- KAVÁFIS, Konstantinos. *Poemas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2002.